

JUBIABÁS: UMA INTERSEMIÓTICA NEGRA COM ROMANCE, CINEMA E QUADRINHOS

Marinalva Lima dos Santos¹

Orientadora: Patrícia Kátia da Costa Pina

Resumo: O objeto desta pesquisa é o romance de Jorge Amado *Jubiabá* e as adaptações homônimas para o cinema, produzida por Nelson Pereira dos Santos e para os quadrinhos, por Spacca. A pretensão é compreender o processo de tradução intersemiótica do livro, para o filme e para os quadrinhos, enfocando de que maneira são produzidas as significações para as temáticas dos negros e suas práticas culturais, que são centrais em *Jubiabá*. Para tanto será necessário buscar os processos de montagem das obras em questão, verificando se elas privilegiam a aparição da temática negra de maneira positiva por meio da abordagem da ancestralidade, se elevam a autoestima afrodescendente, ou denunciam injustiças sociais contra os negos. Esta pesquisa se apoiará em teóricos da literatura, semiótica, da crítica cultural e antropologia, tais como Plaza (2003), Santaella (2004), Deleuze (1972), Derrida (2001), Hutchen (2013), Gomes (2014), dentre outros.

Palavras-chave: Jubiabá. Tradução Intersemiótica. Negro. Crítica Cultural.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa inicialmente tinha como título “*Jubiabá de Jorge Amado, do romance aos quadrinhos: representações da cultura afro-brasileira*” e apresentava como objetivo principal realizar um estudo comparativo sobre as representações da cultura afro-brasileira na obra Amadiana *Jubiabá* (1935) e em sua adaptação quadrinística, relacionando-as enquanto temática e linguagem de resistência, num processo de crítica aos padrões culturais tradicionais.

O interesse em discutir as afro-brasilidades, vem desde quando, na graduação, ingressei no projeto de iniciação científica, no qual iniciei meus estudos voltados para a produção literária de Jorge Amado. A partir de então, tornei-me empenhada em, por meio da literatura, no trânsito com outras áreas do conhecimento, tais como a sociologia e a filosofia, adentrar pelo universo afro-brasileiro, compreender sua importância na formação/afirmação da identidade cultural brasileira.

Ainda levando em consideração as questões relacionadas aos negros, suas práticas culturais e formação/afirmação da identidade afro-brasileira a proposta desse projeto, que até o momento tem como título: “*Jubiabás: uma intersemiótica negra com romance, filme e quadrinhos*” é de realizar um estudo sobre o romance *Jubiabá*, que foi publicado em 1935 e as adaptações para o cinema em 1985, com direção do cineasta Nelson Pereira dos Santos e para história em quadrinhos em 2009 por Spacca. Considerando essas três séries discursivas de *Jubiabá*, este projeto pretende investigar como foram construídos os personagens negros no romance, no filme e nos quadrinhos.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, bolsista FAPESB. E-mail: marnalvalima17@yahoo.com.br.

Nesse procedimento, é necessário levar em consideração os processos de adaptação, ou tradução de uma linguagem para outra e discutir o papel que esse tipo de arte desempenha na sociedade contemporânea, por exemplo, para a formação de leitores. Visto que, embora seja de grande importância para a atualização da obra e das temáticas nela presente, ainda é desqualificada e excluída por muitos.

Por outro lado, no que se refere às questões do negro, é de relevância discutir o modo como aparece no discurso literário e de outras artes, visto que esses são meios de disseminação de ideologias, conseqüentemente contribuem para a construção, fixação e reprodução de sentidos, ou podem também promover rupturas e colocar em trânsito os sentidos fixados sobre os negros e suas práticas culturais.

Dito isso, é propósito desse *paper* apresentar o projeto de pesquisa, tecendo, de forma sucinta, algumas discussões sobre a presença do negro e suas práticas culturais na literatura; linguagens e tradução intersemiótica e também, sobre o método desse trabalho, que se insere no campo da crítica cultural.

TEMATIZANDO O NEGRO, CONSTRUINDO IDENTIDADES

Entendendo essas narrativas em questão e as outras artes como discursos que tematizam o sujeito negro, suas práticas culturais, os espaços e as paisagens nos quais sua presença prevalece e que influenciam, portanto na construção da identidade, a qual, conforme Hall surge:

Não tanto de um centro interior, de um “eu verdadeiro e único”, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representadas* para nós pelo discurso de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados [...]. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (2014, p. 8)

Este projeto procura investigar como foram construídas as personagens negras, tanto no romance quanto no cinema e nos quadrinhos, e se seriam essas construções capazes de colocar em trânsito sentidos fixados sobre os negros e suas práticas culturais, além de verificando se essas produções privilegiam a aparição da temática negra de maneira positiva, se elevam a autoestima afrodescendente, ou denunciam injustiças sociais contra os negros.

Nessa perspectiva, é necessário levar em consideração também, as marcas da discriminação e preconceitos que tanto os negros, quanto suas práticas culturais enfrentaram e ainda enfrentam num constante processo de resistência. Essas obras seriam então um lugar de transformação e desestabilização das práticas segregacionistas e excludentes e um lugar de afirmação e valorização

positiva da identidade afro-brasileira? Isso, entendendo que quando a identidade passa a ser afirmada, diminui o preconceito e a estereotipia.

Esta discussão pressupõe portanto, entender o negro como sujeito que historicamente foi marginalizado devido à fixação de estereótipos, preconceitos, dentre outras práticas que inferiorizam sua existência. Essa condição de subalterno foi legitimada por muito tempo, tanto por construções discursivas literárias quanto por correntes teóricas. Como afirma Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 312).

As teorias raciais concebidas na Europa e nos Estados Unidos serviram para justificar a desigualdade sócio-racial no Brasil. Até a década de 1930, a idéia de que negros e brancos pertenciam a raças diferentes foi a explicação científica para a inferioridade e subalternidade negra.

O apagamento da figura do negro enquanto sujeito, muitas vezes por discurso sobre os negros, afrodescendentes e suas práticas culturais, realizados de modo que desqualificam características físicas, culturais, impõe barreiras à uma quebra de paradigma sobre o que é ser negro na sociedade brasileira.

Domício Proença Filho (2004), em um estudo sobre a trajetória do negro no discurso literário afirma que há presença de dois posicionamentos, um como objeto, numa visão distanciada e outro como sujeito, numa visão compromissada. A perspectiva distanciada configura-se em textos, nos quais o negro é personagem ou em que a temática gira em torno dos aspectos histórico-culturais relacionados aos negros na realidade brasileira. Porém, indicam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante.

Dentre os estereótipos que Proença Filho destaca estão: “escravo nobre” que aceita a condição de submisso e vence pelo branqueamento após muita humilhação; “negro vítima”, o qual, transfigura em objeto de idealização, o que gera a exaltação da liberdade e defesa da abolição; “negro infantilizado”, serviçal e subalterno; “escravo demônio” que torna-se fera por força da própria escravidão, dentre outros.

Dessa forma, a figura do negro e suas práticas culturais foram ao longo do tempo sendo construída e constituída às margens, já que distanciava do modelo europeu. Como consequência de uma constatação polarização entre negro/branco, profano/sagrado, bom/mal, belo/feio, dentre outros. A construção da identidade negra no Brasil, de maneira positiva, constituiu-se como um entrave, conforme Gomes, (2014, p. 43) “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as).” Pode-se associar esse “ensino” apontado por Gomes à literatura, ao cinema, à TV, e outras produções artísticas e culturais.

LINGUAGENS: SIGNIFICAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES

As linguagens são indissociáveis do ser humano, é mediado por elas que o homem comunica e se constitui enquanto seres sociais e simbólicos, culturalmente organizados. É importante notar a utilização do vocábulo linguagens, no plural, pois é insustentável a ideia de que linguagem é restrita apenas à língua em sua manifestação verbal: oral ou escrita.

A comunicação, conforme Santaella (2004), se dá também por meio da leitura e produção de sentidos por uma infinidade de linguagens, a título de exemplo: movimento, imagens, gráficos, sinais, setas, luzes, sons, cheiro, textura, gestos, olhar, dentre outras que também se constituem como sistemas sociais e históricos de representação do mundo. Diante disso, a semiótica é ciência que se ocupa com os modos de constituição dos fenômenos de produção de significação e de sentido.

Nessa perspectiva de produção de significação e sentido, a proposta desse projeto está pautada em três séries discursivas, que comunicam com linguagens específicas. A saber, o romance de Jorge Amado, *Jubiabá* e suas adaptações para o cinema e para os quadrinhos, as quais receberam o mesmo título. Dessa maneira, essas obras serão lidas aqui sob a ótica da tradução intersemiótica que conforme Plaza (2003) consiste em interpretar signos verbais por meio de sistema de signos não verbais. Por se tratar de interpretação, envolve também as subjetividades e criatividade.

A operação tradutora como trânsito criativo de linguagens nada tem a ver com a fidelidade, pois ela cria sua própria verdade e uma relação fortemente tramada entre seus diversos momentos, ou seja, entre passado-presente-futuro, lugar-tempo onde se processa o movimento de transformação de estruturas e eventos. (PLAZA, 2003, p. 1).

Fundamentado em Peirce, Plaza (2003) concebe o signo como continuidade e devir, pois tem um poder de autogeração. Nessa perspectiva, o processo de tradução é infinito, pois um signo gera outro signo no processo de significação, que por sua vez gera outros e outros signos infinitamente. A cadeia semiótica, como explica Plaza (2003), já se institui desde o pensamento, concebido aqui como tradução e qualquer pensamento ou conhecimento pode ser extrojetado por meio da linguagem.

Nessa perspectiva, no processo de adaptação, deve-se considerar que o filme e os quadrinhos são construídos por meio da transposição dos significados do livro e não uma correspondência entre eles. É evidente que nesse processo os significados também são traduzidos em novos signos numa cadeia infinita, por isso a impossibilidade de fidelidade entre ambos, tem-se obras independentes que estabelecem intertextualidades, porém cada uma abre possibilidades para uma nova cadeia de produção de signos.

Deleuze (1972) no ensaio *“Em que se reconhece o estruturalismo”*, elenca alguns critérios formais para se reconhecer o estruturalismo, o qual é diferenciado, pois é proposto de uma maneira mais aberta e móvel. Reconhece sua base, porém amplia a visão. Tudo isso, possibilitado pela ação do “simbólico” que age entre o real e o imaginário, possibilitando os deslocamentos.

Nesse sentido, um dos critérios apresentados por Deleuze (1972), e que é significativo aqui, é a noção de “casa vazia”, que pode ser entendida como a possibilidade de movimentação, de deslocamento dos significados dentro de uma série, ou dentro de uma estrutura, é oportuno para refletir sobre sentidos que são atribuídos e fixados a algo ou alguém, como sobre os negros e suas práticas culturais, pois se eles têm significados e nomes foi porque alguém nomeou. Na linguagem nada é gratuito, embutido em cada signo pode estar presentes discursos que legitimam ou invalidam algo.

Associando a isso, a proposta desconstrutivista de Derrida (2001), a qual aponta para a implosão das dicotomias e desmontagem dos discursos como condição para o virá a ser, para uma nova maneira de pensar, com um terceiro elemento que não está nos extremos, mas entre. Pode-se pensar então, tanto a literatura quanto os quadrinhos e o cinema, como potências para questionar e desestabilizar o instituído, ou ainda de se pensar a possibilidade de criar um sentido diferente do que é apresentado.

Isso porque conforme Hutcheon (2013, p. 135) “uma adaptação pode ser utilizada para realizar uma crítica social ou cultural mais ampla”. Isso, portanto, envolve também uma postura política e crítica, pois a tradução requer em primeira instância leitura, passando pela interpretação e conseqüentemente por escolhas, dessa maneira não pode escapar da visão crítica.

SOBRE O MÉTODO

Longe de apenas colocar frente-a-frente romance, filme e quadrinhos, para elucidar suas semelhanças e diferenças, fidelidade e transformação, a proposta desse trabalho vai além. É preciso ‘baixar’ o espírito do detetive, proposto por Guinzburg (1990), e ir em busca dos rastros, das pistas, como na cena de um crime. Primeiramente será preciso entender como foram pensados os negros na literatura e como pensaram e entenderam o negro nos Jubiabás aqui estudados, para a partir daí tecer as críticas, escutando as vozes, tanto as que gritam, quanto as que quase são silenciadas, ou que enfrentam dificuldades e interdições.

Outro trabalho de detetive será a busca por passagens do romance, cenas do filme e vinhetas dos quadrinhos, para leituras, interpretação e apreciação crítica que é de proposta realizar. Mas isso,

também, não pode acontecer de qualquer maneira. Tem que ser de maneira múltipla, heterogênea, que somente um método baseado na proposta de rizomática de Deleuze e Guattari (1995) conseguiria dar conta. Nessa perspectiva a pesquisa será construída por meio de *links* entre o romance, o filme, os quadrinhos, com teóricos de campos e lugares de falas diferenciados.

Não é proposta aqui construir pensamento em oposição, separação, conceituação, classificação, e construção de verdades absolutas e sim um acolhimento às diferenças e as multiplicidades evidenciando as possibilidades de produção de sentido, sem se fechar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui foi expostas as pretensões e abrangências desse projeto. As interpretações são inerentes às leituras, e disso, não escapam a criação particular de sentidos. Portanto a efetivação desse trabalho não tem como foco instituir verdades, nem criar hierarquias, ou ainda classificar obras de artes. Mas sim apontar possibilidades de leituras, produção, reprodução, modificação e tradução de sentidos.

A realização desta pesquisa será de importância para o desenvolvimento tanto dos estudos sobre tradução intersemiótica, quanto para as discussões sobre os negros, afrodescendentes e suas práticas culturais, que apesar de ter ocorrido várias mudanças no tratamento recebido, ainda requer ampliação do debate. Por isso, não se pode estagnar diante da realidade da maneira como nos é apresentada, ou consumir as representações sem um olhar crítico. Isso porque as produções culturais estão a cada momento inovando. E como afirma Coelho Netto

[...] se por um lado o novo é um eterno motivo de atração, por outro lado e quase na mesma medida é também um motivo de repulsão, para diferentes indivíduos e grupos de indivíduos ou para um mesmo grupo e para um indivíduo. Claro que a reação ao novo não se deve especificamente a seu caráter de novidade, mas à sua potencialidade de mudar uma situação; o que se receia é justamente essa mudança. (COELHO NETTO, 2010, p. 130).

Do que foi apresentado aqui não tem-se nenhum resultado concreto. Porém espera-se que haja essa mudança no olhar, ao deparar com o novo, como coloca Coelho Netto e enxergar nas novidades um convite a uma mudança e intervenção. Afinal todas as construções sociais, políticas passam primeiramente pelo crivo das linguagens, por isso, qualquer que seja a transformação almejada ou necessária não pode escapar à linguagem.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1935].
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. e FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 7 – 37.
- DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: *O Século XX*. Zahar Editores: Rio de Janeiro - RJ. (s/d).
- DERRIDA, Jacques. Semiologia e gramatologia – Entrevista a Julia Kristeva. In: *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-179.
- GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1555>. Acesso em: 04 maio. 2014.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Trad. André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ufsc, 2013.
- PLAZA, Júlio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: *Estudos avançados*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a17v1850.pdf>. 2004. Acesso em: 4 maio. 2014.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SPACCA. *Jubiabá de Jorge Amado: adaptação e desenhos de Spacca*. Cia das Letras, 2009.

